

## 8 POLÍTICA AGRÍCOLA

### INTRODUÇÃO

A queda significativa ocorrida nos preços da maioria dos produtos agrícolas nos últimos 12 meses tem contribuído de maneira importante para a redução da inflação. Em face disso, esta seção pretende analisar, com detalhe, os fatores que levaram a esse comportamento tendo-se em conta, especialmente, a influência dos preços internacionais e da taxa de câmbio.

Além disso, esta seção discute as implicações desses baixos preços agrícolas para a oferta agrícola futura e, assim, para o comportamento desses preços no futuro. Nesse sentido, um destaque especial é dado à situação da pecuária bovina, além da safra de verão, em vias de ser plantada.

### A EVOLUÇÃO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Um fato que tem marcado a atual conjuntura agrícola é a forte queda que ocorreu nos preços de alguns dos seus principais produtos. Esse foi o caso de arroz, trigo, algodão, soja e, sobretudo, de bovinos, cuja redução de preço acabou contaminando, também, os preços de frangos e suínos (ver Tabelas 8.1 e 8.2). No caso do leite, note-se que seu preço caiu em julho, quando, na realidade, deveria ter subido, em vista de tratar-se de um período de entressafra; o contraste com o ano passado, a esse respeito, deixa claro a peculiaridade desse comportamento recente do preço do leite. A explicação mais provável, de novo, tem a ver com a valorização cambial. É verdade que outros produtos importantes, como o café, o açúcar e o álcool, não sofreram queda em seus preços, o que permitiu que áreas agrícolas importantes, que se concentram no Estado de São Paulo, não fossem atingidas pelos mesmos problemas que as áreas mais especializadas em grãos ou em pecuária.

Em parte, essa diminuição dos preços domésticos dos grãos e oleaginosas decorreu de uma queda similar nos preços internacionais dos grãos, um fato bem conhecido (ver Tabela 8.3). Além disso, ocorreu, nesse período, a valorização cambial, que também contribuiu para essa redução de preços no mercado doméstico.

A Tabela 8.4 avalia a importância relativa de cada um desses fatores — queda dos preços internacionais e valorização cambial — na explicação da redução dos preços agrícolas domésticos. Pode-se notar que, somente no caso da soja, a queda do preço internacional foi determinante na diminuição do preço doméstico. Nos casos de algodão e trigo, a queda dos preços internacionais foi pequena e a valorização cambial foi a principal responsável pela baixa nos preços domésticos desses produtos.

TABELA 8.1

**PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005**

[em R\$ de julho de 2005 (deflator: IPCA)]

Período	Arroz Agulhinha <sup>A</sup> (Saca de 30 kg)		Arroz Agulhinha <sup>P</sup> (Saca de 50 kg)		Feijão-Preto <sup>P</sup> (Saca de 60 kg)		Feijão Cores <sup>A</sup> (Saca de 60 kg)	
	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	55,9	40,6	38,6	31,4	71,4	66,6	82,3	77,5
Outubro	51,6	39,2	37,3	29,3	67,1	70,6	77,6	93,2
Novembro	56,6	37,7	41,8	27,4	64,8	70,7	73,4	93,0
Dezembro	58,3	34,9	44,3	24,1	59,0	70,6	76,3	92,8
Janeiro	53,7	32,5	43,9	24,1	57,5	71,1	89,8	92,8
Fevereiro	49,0	33,0	42,1	25,3	54,3	69,7	94,2	90,9
Março	48,4	33,3	35,9	25,3	55,6	73,2	94,3	89,3
Abril	49,3	33,6	36,1	22,5	63,6	75,1	91,4	102,0
Mai	47,8	29,5	36,3	19,2	65,0	73,6	89,2	103,8
Junho	48,0	29,5	36,6	19,6	69,0	69,7	84,0	114,8
Julho	46,2	28,2	35,5	19,7	68,3	64,0	70,4	117,6
Agosto <sup>a</sup>	43,9	27,4	32,2	18,3	65,9	65,3	65,2	88,7

Período	Milho <sup>A</sup> (Saca de 60 kg)		Trigo <sup>P</sup> (Saca de 60 kg)		Café Conillón <sup>P</sup> (Saca de 60 kg)		Café Arábica <sup>P</sup> (Saca de 60 kg)	
	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	20,6	19,1	28,9	23,8	145,3	148,1	195,7	232,0
Outubro	19,6	18,1	26,9	22,4	140,3	144,3	187,8	226,8
Novembro	21,1	17,4	26,5	21,6	142,4	142,6	187,6	250,7
Dezembro	21,3	17,2	26,7	20,8	146,4	143,7	194,2	278,9
Janeiro	21,3	17,8	26,3	20,3	154,4	149,4	213,4	292,4
Fevereiro	19,5	17,1	26,1	19,6	146,7	156,3	223,4	311,8
Março	20,2	18,7	26,6	21,1	136,0	156,4	225,3	342,4
Abril	23,4	19,3	29,5	23,7	133,2	149,4	220,0	336,4
Mai	22,5	17,9	31,8	21,8	143,2	159,3	235,6	324,6
Junho	21,0	18,8	32,0	20,2	146,9	160,8	256,0	300,9
Julho	18,8	18,6	28,6	19,7	136,1	155,9	213,8	255,6
Agosto <sup>a</sup>	18,9	18,1	26,1	19,7	140,5	152,6	210,6	261,5

Fontes: 1) Conab: arroz agulhinha, feijão cores e milho; 2) Seab/Deral: feijão-preto e trigo; 3) Cepea: café conillón e café arábica. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: <sup>A</sup> Atacado: agulhinha = SP, feijão cores = SP, milho = SP; <sup>P</sup> Produtor (principal estado produtor): arroz agulhinha = RS, feijão-preto = PR, trigo = PR, café conillón = ES, café arábica = SP.<sup>a</sup> Os preços de agosto de 2005 são referentes às três primeiras semanas.

Mais interessante, ainda, é observar, na Tabela 8.4, a completa dissociação entre os preços doméstico e de fronteira<sup>1</sup> do arroz: com efeito, enquanto o preço doméstico do arroz

1. O "preço de fronteira" refere-se ao preço pelo qual um produto poderia ser importado ou exportado. Resulta da multiplicação do preço internacional (definido, na "fronteira", o que explica o nome, segundo seja exportável ou importável) pela taxa de câmbio doméstica.

TABELA 8.2  
**PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005**  
 [em R\$ de julho de 2005 (deflator: IPCA)]

Período	Algodão <sup>A</sup> (15 kg)		Soja <sup>P</sup> (Saca de 60 kg)		Bovinos <sup>P</sup> (15 kg)		Frango <sup>P</sup> (1 kg)	
	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	59,9	54,2	42,4	38,9	67,4	64,6	1,74	1,59
Outubro	66,2	48,4	48,7	34,9	67,4	64,0	1,91	1,72
Novembro	79,7	46,5	51,6	35,2	68,2	65,0	1,64	1,75
Dezembro	76,5	41,4	50,6	33,2	67,9	64,0	1,66	1,77
Janeiro	83,0	41,7	49,1	33,1	67,3	61,7	1,48	1,44
Fevereiro	78,8	43,6	47,5	26,9	65,7	59,9	1,55	1,41
Março	77,6	40,8	53,6	34,3	64,2	58,9	1,37	1,28
Abril	77,6	41,8	53,9	31,0	64,0	56,7	1,30	1,21
Mai	66,2	37,5	52,0	30,1	65,4	55,0	1,54	1,31
Junho	61,7	38,8	46,6	32,2	66,4	54,1	1,65	1,39
Julho	56,2	39,3	42,9	32,6	65,0	53,4	1,70	1,39
Agosto <sup>a</sup>	52,5	37,6	40,0	32,0	65,6	52,3	1,62	1,45

Período	Suínos <sup>P</sup> (1 kg)		Leite Tipo C <sup>P</sup> (Litro)		Açúcar <sup>A</sup> (R\$/Saca de 50 kg)		Álcool <sup>A</sup> (R\$/Litro)	
	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004	Set. 2003	Set. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	3,13	3,93	0,58	0,59	28,9	30,3	0,75	0,81
Outubro	3,36	3,87	0,57	0,58	25,0	29,0	0,67	0,95
Novembro	3,15	3,93	0,55	0,57	23,9	31,2	0,73	1,02
Dezembro	3,03	4,13	0,52	0,56	24,9	32,5	0,79	0,93
Janeiro	2,92	3,67	0,48	0,55	22,5	30,2	0,70	0,91
Fevereiro	2,82	3,50	0,47	0,56	20,6	29,4	0,50	0,87
Março	2,99	3,55	0,48	0,56	24,2	33,8	0,43	0,89
Abril	3,05	3,09	0,48	0,57	31,1	33,6	0,50	0,84
Mai	3,08	2,40	0,51	0,59	24,7	26,2	0,59	0,67
Junho	3,41	2,56	0,56	0,59	28,8	26,1	0,68	0,69
Julho	3,50	2,82	0,61	0,58	29,7	29,2	0,72	0,77
Agosto <sup>a</sup>	3,79	2,88	0,61	n.d.	31,8	30,3	0,80	0,76

Fontes: 1) Conab: algodão, soja, bovinos, frango e suínos; 2) Cepea: leite tipo C, açúcar e álcool. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: <sup>A</sup> Atacado: algodão = SP, açúcar = SP, álcool = SP; <sup>P</sup> Produtor (principal estado produtor): soja = PR, bovinos = SP, frango = SP, suínos = SP e leite = MG.

<sup>a</sup> Os preços de agosto de 2005 são referentes às três primeiras semanas.

n.d. = não-disponível.

caiu nada menos que 38%, o preço de fronteira reduziu-se em apenas 7,2%. Esse comportamento díspar entre os preços doméstico e de fronteira aparece também no caso do milho, embora em sentido contrário: o preço doméstico baixou muito menos que o preço de fronteira (10% contra 38%). Isso decorre de que é muito ampla a banda de flutuação doméstica dos preços desses produtos, ou seja, a diferença entre os preços CIF de importação e FOB de

TABELA 8.3  
**PREÇOS AGRÍCOLAS INTERNACIONAIS — 2003-2005**  
 [em US\$ correntes (unidade)]

Período	Soja em Grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$ Cents/lp)	
	Set. 2003 a	Set. 2004 a	Set. 2003 a	Set. 2004 a	Set. 2003 a	Set. 2004 a	Set. 2003 a	Set. 2004 a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	232	207	90	84	129	119	62	51
Outubro	270	193	89	81	128	114	74	47
Novembro	280	196	93	78	141	112	72	46
Dezembro	283	199	97	79	141	109	70	44
Janeiro	301	195	105	79	144	110	74	46
Fevereiro	316	198	111	79	140	110	68	46
Março	361	233	119	84	142	125	66	52
Abril	364	229	124	82	145	115	62	54
Mai	348	233	118	82	138	116	63	53
Junho	321	255	113	87	130	119	53	48
Julho	283	254	93	93	121	122	46	51
Agosto <sup>a</sup>	226	228	88	86	114	118	47	48

Período	Café Arábica (US\$ Cents/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$ Cents/lp)	
	Set. 2003 a	Set. 2004 a	Set. 2003 a	Set. 2004 a	Set. 2003 a	Set. 2004 a
	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005	Ago. 2004	Ago. 2005
Setembro	65	76	201	240	6,0	7,9
Outubro	62	76	199	250	5,7	9,0
Novembro	59	84	197	263	5,6	8,7
Dezembro	63	99	201	281	4,7	8,8
Janeiro	72	102	219	292	5,8	8,9
Fevereiro	73	113	220	297	5,6	8,9
Março	74	128	248	296	6,5	8,9
Abril	70	120	250	299	6,6	8,4
Mai	73	119	238	298	6,6	8,5
Junho	78	112	236	289	7,1	8,9
Julho	69	102	238	282	8,2	9,6
Agosto <sup>a</sup>	68	102	244	287	7,9	9,9

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

<sup>a</sup> Os preços de agosto de 2005 são referentes às três primeiras semanas.

exportação é muito grande, o que explica que os preços domésticos desses alimentos possam variar de forma muito diversa dos preços de fronteira.

No caso particular do arroz, a forte queda de seu preço deveu-se ao grande aumento dos estoques domésticos este ano, fruto de duas boas safras consecutivas, após ter passado por uma fase de preços muito elevados. No caso do milho, os estoques domésticos estão sendo suficientes para inviabilizar tanto a importação como a exportação, o que explica que o preço doméstico permaneça longe dos dois limites da banda.

TABELA 8.4  
**PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS: TAXAS DE VARIAÇÃO REAL DOS PREÇOS DOMÉSTICOS E DOS PREÇOS INTERNACIONAIS EM US\$ E EM R\$, ENTRE PERÍODOS DE COMERCIALIZAÇÃO — 2004-2005**  
 [em %]

Produtos	Taxas de Variação Real dos Preços Domésticos	Taxas de Variação Real dos Preços Internacionais (US\$)	Taxas de Variação Real dos Preços Internacionais (R\$)
Algodão	-36,4	-9,1	-29,1
Arroz	-38,0	19,0	-7,2
Milho	-10,5	-20,9	-38,3
Soja	-32,7	-24,1	-40,8
Trigo	-32,6	-10,5	-30,2

Fontes: Conab e FGV.

Nota: Admite-se o período de maio a julho como o de comercialização. Note-se que a taxa de câmbio real efetiva média calculada para cada período valorizou-se em 22%.

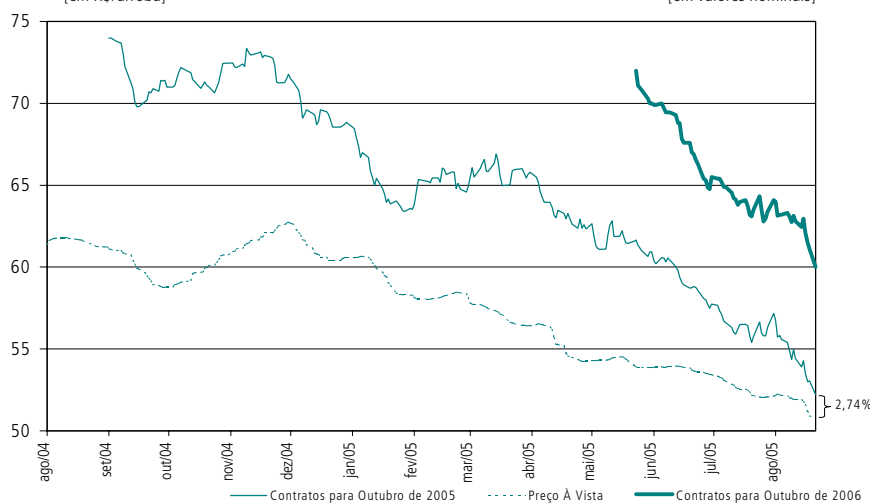
## O CASO ESPECIAL DA PECUÁRIA BOVINA

Vale a pena destacar, nessa análise do comportamento dos preços agrícolas nos últimos 12 meses, o caso da pecuária bovina, em vista de sua importância para a análise dos preços das demais carnes.

Como se pode notar na Tabela 8.2, e conforme já apontado no número anterior deste Boletim, o preço de bovinos tem apresentado um comportamento anormal nos últimos 12 meses, pois não aumentou no segundo semestre de 2004, como deveria fazê-lo, segundo o padrão sazonal, por se tratar de um período de seca, nem no período recente (que já é de seca). Isso fez com que o preço de bovinos caísse sistematicamente desde o final do ano passado.

Essa tendência de queda do preço de bovinos aparece com grande clareza no Gráfico 8.1. Pode-se ver que ocorreu uma redução persistente, desde o final do ano passado, com o mercado refazendo para baixo, continuamente, suas expectativas quanto aos preços relativos a outubro deste ano. Pode-se ver que esse mercado espera uma elevação de apenas 2,74% no

GRÁFICO 8.1  
**EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DOMÉSTICOS DO BOI GORDO — AGOSTO DE 2004 A AGOSTO DE 2005**  
 [em R\$/arroba] [em valores nominais]

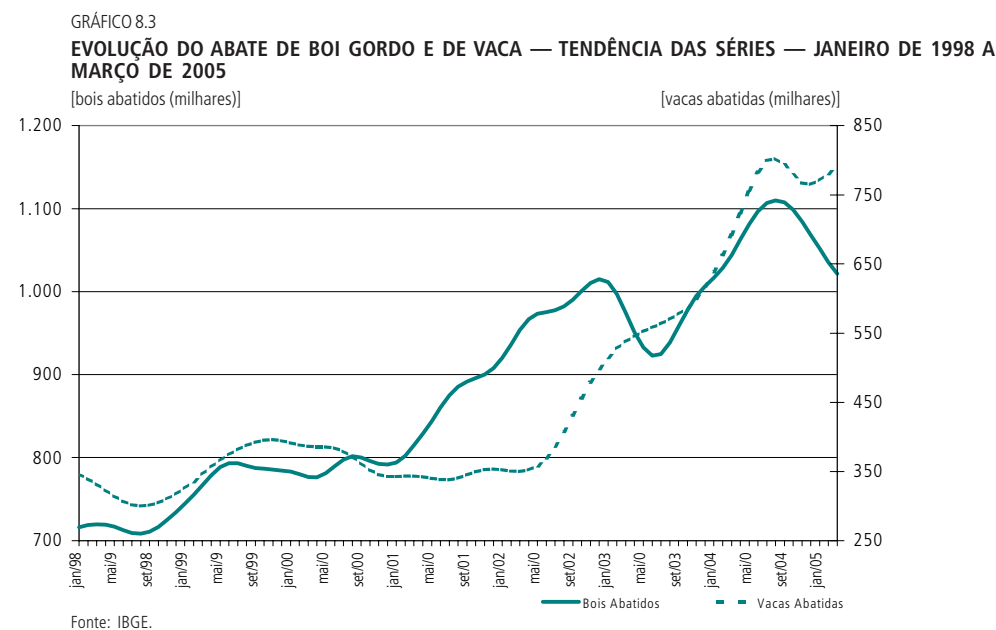
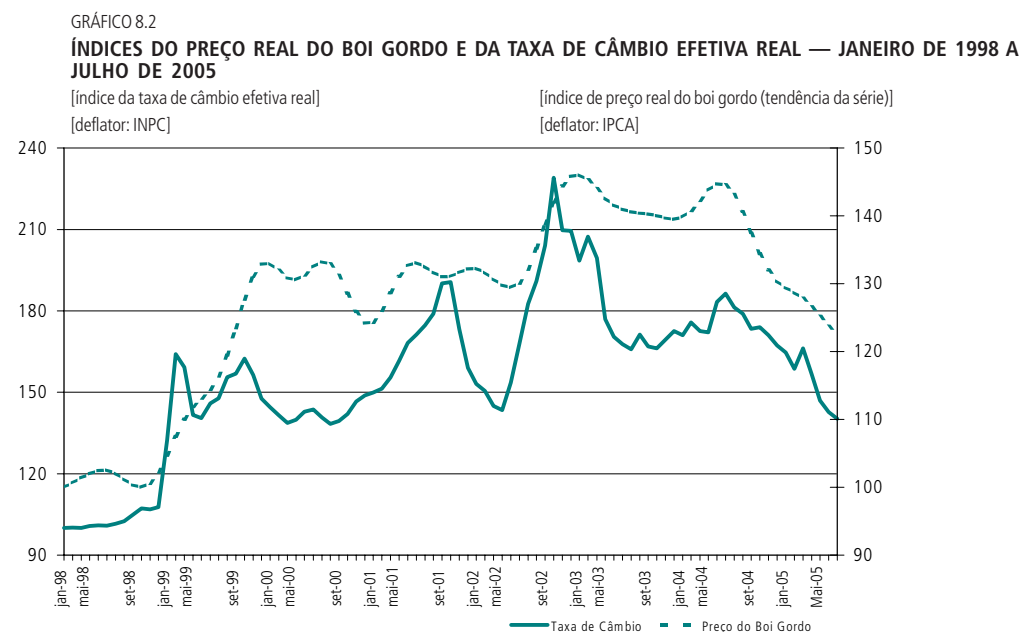


Fonte: BM&F. Elaboração: IPEA/DIMAC.

preço do boi gordo até outubro, comparativamente ao preço atual. Há uma expectativa de aumento do preço a vigorar em outubro de 2006, mas o nível esperado vem caindo continuamente.

O Gráfico 8.2 permite situar essa queda recente do preço de bovinos em uma perspectiva de tempo mais ampla, e sugere ser alta a correlação entre esse preço e a taxa de câmbio. O Gráfico 8.3 mostra, por outro lado, que, a partir do início de 2001, o abate de bois passou a aumentar mais rapidamente, o mesmo acontecendo, e com intensidade ainda maior, com o abate de vacas, a partir de 2002.

Esse aumento de abate pós-2001 reflete, com certeza, os ganhos de produtividade que o setor vem obtendo desde a mudança da política cambial, em 1999, e a abertura do mercado internacional ao produto brasileiro, na esteira das crises por que passou esse mercado inter-



nacional. A pecuária bovina reagiu rapidamente, tanto pela via de melhoria de pastagens quanto pela via de melhoria genética, e o Brasil se tornou o maior exportador mundial.

Com certeza, essas mudanças tornaram o preço doméstico da carne bovina mais dependente do preço internacional e da taxa de câmbio. Uma vez que uma expansão similar na capacidade de produção ocorreu também nos setores de frangos e suínos, a valorização cambial deve, também, ser a principal explicação para a queda recente de seus preços.

O problema é que a elasticidade-preço da oferta de carne tende a ser muito baixa no curto prazo, e pode até mesmo ser negativa — ou seja, a oferta crescer quando o preço cair, e vice-versa —, de conformidade com o famoso “ciclo pecuário”. Esse ciclo pecuário, um fenômeno praticamente ignorado atualmente, é um mecanismo pelo qual ocorre aumento de abate de vacas em reação à diminuição do preço da carne, e vice-versa, ou seja, reduz-se o abate de vacas com a elevação desse preço. Isso faz com se intensifiquem a queda ou a alta do preço da carne, e o setor pode atravessar um longo período de crise (ou de euforia).

Um outro fator que pode estar contribuindo para essa queda do preço dos bovinos é a melhoria das pastagens, que antes foram cedidas em arrendamento à soja. O retorno dessas áreas à utilização na pecuária estaria sendo intensificada inclusive pela devolução de áreas ainda com contrato de arrendamento em vigência, devido à crise na sojicultura. Todas essas áreas estariam retornando à pecuária em condições muito superiores à situação inicial, graças à correção com calcário e à maior fertilidade, tudo devido à sua conversão anterior à produção de soja.<sup>2</sup>

É verdade que todos esses ganhos de produtividade na bovinocultura tenderiam a reduzir os preços de bovinos no médio e longo prazos, mas a questão é que a queda atual não é devida a esses ganhos de produtividade, mas sim um fenômeno de curto prazo, efeito da valorização cambial. A questão é saber em que medida essa conjuntura adversa para a pecuária poderá afetar os incentivos para a continuidade dos investimentos que levaram a sua expansão recente, ou até mesmo a criar dificuldades financeiras para o setor na atual conjuntura.

## **AS PERSPECTIVAS DO PRÓXIMO PLANTIO DA SAFRA DE GRÃOS NO BRASIL**

Essa queda recente dos preços agrícolas tem sido um dos fatores mais importantes na explicação da redução da inflação, como analisado mais detalhadamente na seção de Inflação deste Boletim.

Cabe indagar, contudo, em que medida essa queda dos preços agrícolas irá afetar negativamente o comportamento da oferta agrícola no próximo ano, que vai ser definida a partir do plantio próximo. Tendo, como se viu, comportamento, em grande parte, independente dos preços de fronteira, os preços domésticos de alguns produtos (como arroz e milho) poderão aumentar no próximo ano, mesmo que ainda permaneça a atual taxa de câmbio valorizada, bastando para isso que os estoques domésticos caiam de maneira significativa. No caso do milho, já ocorreu uma redução expressiva na produção da 2ª safra este ano, e a mera expectativa de uma safra de verão de 2006 curta, certamente, fará seus preços se elevarem de forma significativa já neste segundo semestre, o que só fará piorar a crise atravessada pelos setores de bovinos, frangos e suínos.

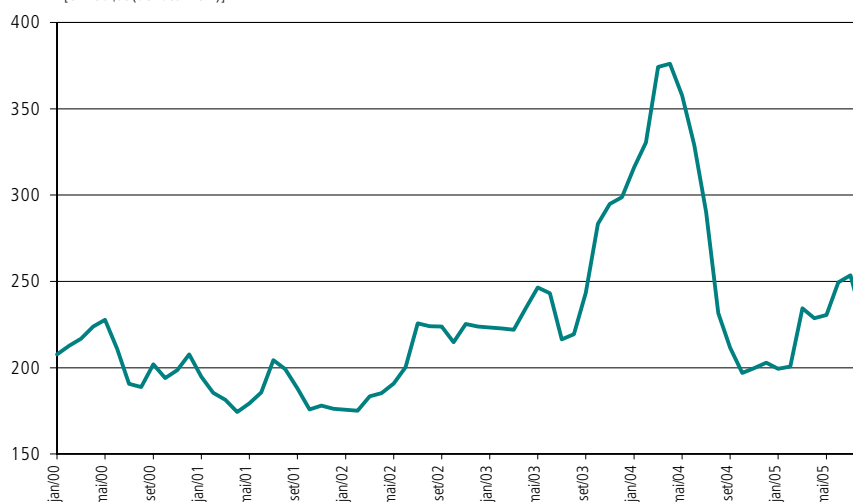
---

2. O engenheiro agrônomo André Pessoa, sócio-diretor da Agroconsult, em comentário ao número anterior deste Boletim, apontou, como uma das causas do aumento recente da produção pecuária, essa maior disponibilidade de áreas de pastagens antes degradadas e que tinham sido cedidas à soja no período de *boom* recente dessa cultura. Segundo ele, outros fatores também estariam contribuindo para alongar a duração dessa expansão recente, o que faria com que “a pecuária pode e deve enfrentar nos próximos dois anos uma situação ainda pior do que a atual”.

GRÁFICO 8.4

**EVOLUÇÃO DO PREÇO DA SOJA NO MERCADO INTERNACIONAL — JANEIRO DE 2000 A JULHO DE 2005**

[em US\$/t (deflator: CPI)]



Fonte: Conab.

Na análise dos demais produtos agrícolas, é preciso levar em conta que o período atual sucede um triênio, formado pelos anos agrícolas 2001/2002, 2002/2003 e 2003/2004, em que ocorreu uma verdadeira euforia nesse setor, incluindo uma fase muito curta (mas que, ao coincidir com nosso período de comercialização, beneficiou o setor agrícola), em que os preços internacionais de grãos atingiram níveis excepcionalmente elevados. Essa fase de preços externos extraordinariamente altos é ilustrada, no Gráfico 8.4, pelo caso da soja.

Foi esse clima de euforia que levou a um aumento sem precedentes na aquisição de insumos e máquinas agrícolas por esse setor, como ilustrado, na Tabela 8.5, pelos casos de fertilizantes, calcário e máquinas e equipamentos agrícolas. No caso específico do setor de máquinas e equipamentos agrícolas, o crescimento do mercado interno foi acompanhado

TABELA 8.5

**BRASIL: EVOLUÇÃO DO CONSUMO ANUAL DE FERTILIZANTES E DE CALCÁRIO E QUANTIDADES VENDIDAS DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS — 1998-2005**

Ano	Fertilizantes Entregues (1.000 t)	Calcário (1.000 t)		Vendas de Máquinas e Equipamentos Agrícolas (Unidades)	
		Mato Grosso	Demais Estados	Mercado Interno	Exportação
1998	14.669	1.914	14.371	24.458	8.848
1999	13.689	1.351	14.417	24.596	4.207
2000	16.392	3.100	16.205	31.052	5.270
2001	17.069	3.197	14.990	35.533	8.246
2002	19.114	4.464	17.976	41.477	10.348
2003	22.796	5.433	21.926	37.991	21.430
2004	22.767	7.057	21.262	37.863	30.995
2004 <sup>a</sup>	8.084	n.d.	n.d.	18.794	14.767
2005 <sup>a</sup>	5.825	n.d.	n.d.	12.311	17.075

Fontes: Anda, Abracal e Anfavea.

<sup>a</sup> Até junho.

n.d. = não-disponível.

por um aumento muito grande das exportações, o que, sem dúvida, fez desse setor um dos que mais se desenvolveram na economia brasileira, puxado pelas excepcionais condições de preços e rentabilidade agrícolas.

A Tabela 8.5 já mostra, contudo, sinais de que a demanda desses insumos e máquinas e implementos agrícolas sofreu uma queda drástica, este ano. Embora o clima de euforia que envolveu o setor agrícola desde 2001 tivesse sido dissipado já no segundo semestre do ano passado, isso não causou uma redução *absoluta* do plantio da safra de verão 2004/2005, como, aliás, foi sugerido, na época, por este Boletim, baseado no argumento de que a elasticidade-preço de oferta agregada na agricultura é muito baixa, na ausência de restrição de capital. Como essa restrição não se verificou no ano passado, já que os agricultores ainda conseguiram comercializar muito bem sua produção, a área plantada se manteve, não obstante a expectativa de que os preços agrícolas iriam ser menores este ano.

A situação este ano, entretanto, é completamente diferente. Em primeiro lugar, os agricultores tiveram de comercializar sua safra de grãos a preços muito inferiores aos do ano passado, do que resulta que a renda gerada no ano agrícola 2004/2005 está sendo muito inferior. A pecuária bovina, como se viu, também está atravessando um período de queda de renda, devido à diminuição dos preços. Em tal contexto, a disponibilidade de crédito ganha mais importância na determinação do plantio, e tudo revela que os agricultores estão, de fato, enfrentando restrições de crédito. As regiões do Sul do Brasil, onde essa redução de renda foi ainda maior, deverão contrair seu nível de atividade muito mais do que as regiões Sudeste e Centro-Oeste.

## SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção procurou contribuir para uma análise mais aprofundada dos fatores subjacentes à forte queda recente ocorrida na maioria dos preços agrícolas. Mostrou-se que isso foi produto de uma série de fatores, a valorização cambial tendo sido muito importante, mas não a única causa. Por exemplo, o comportamento dos preços de dois produtos muito importantes, como o arroz e o milho, teve muito mais a ver com as condições domésticas de oferta e demanda: os preços domésticos de arroz simplesmente despencaram, não obstante os preços de fronteira terem até subido significativamente e, no caso do milho, o seu preço manteve-se praticamente alheio às grandes mudanças que ocorreram no preço internacional e na taxa de câmbio.

O caso das carnes ilustra, por outro lado, uma situação em que a taxa de câmbio, certamente, foi relevante para explicar a derrocada recente dos preços de bovinos, frangos e suínos, mas fatores atuando em um prazo mais longo podem ser, também, muito relevantes para a explicação da baixa de seus preços. Pesquisa adicional é necessária para se avaliar melhor o receio dos analistas especializados de que essa queda de preços possa estar gerando uma redução do investimento no setor, com o que se comprometeria o seu desempenho no futuro.

Além de sugerir a possibilidade de que esse comportamento recente dos preços das carnes, muito atraente do ponto de vista macroeconômico no curto prazo, poderá comprometer a contribuição futura desse setor e afetar negativamente a própria macroeconomia, esta seção apontou, também, que os baixos preços de vários produtos agrícolas, ao lado de condições financeiras adversas atravessadas pelo setor atualmente, deverá levar, com toda a certeza, a uma redução significativa da área plantada e do uso de insumos para a próxima safra de verão.

